



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 9, número 2, maio-ago. 2020

A (DES)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*



THE IDENTITY (DES)CONSTRUCTION IN *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*

Francisco Diego SOUSA
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

Maria Aparecida Porto BESSA
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

Jéssica Tailane da COSTA
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

Maria Aparecida da COSTA
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

Resumo

O escritor José Saramago figura na literatura portuguesa contemporânea como um dos escritores mais importantes daquele cenário. Em seus textos aparecem temas caros ao seu tempo, como: a obscuridade da alma, a formação sociocultural dos sujeitos e a perversidade das relações humanas. Nessa perspectiva, tencionamos discutir a identidade e a interferência social no comportamento das personagens, no romance *Ensaio sobre a cegueira*, estabelecendo um diálogo contínuo com as críticas sociológicas de Bauman (2001) e Bauman e Donskis (2014). Em nossa análise vamos observar como o egoísmo, os impulsos sexuais descontrolados e outras características, inerentes ao homem, constituem a complexidade da identidade das personagens da obra em questão, sobretudo quando intensificadas pelo aprisionamento e exclusão social. No caso do romance em foco, a exclusão dos afetados pela cegueira; apontando que a identidade e a interferência social estabelecem vínculos estreitos quando das ações das personagens.

Abstract

The writer José Saramago figures in contemporary Portuguese literature as one of the most important writers. Important subjects appear in his texts, such as, the obscurity of the soul, the socio-cultural formation and the perversity of human relations. From this perspective, we intend to discuss identity and social interference in the behavior of the characters, in the novel *Ensaio sobre a cegueira*, establishing a continuous dialogue with the sociological critiques of Bauman (2001) and Bauman and Donskis (2014). In our analysis, we observe how selfishness, uncontrolled sexual impulses and other characteristics, inherent in man, constitute the complexity of the identity of the characters of the work in question, especially when intensified by imprisonment and social exclusion. In the case of the novel in focus, the exclusion of those affected by blindness, pointing out that identity and social interference establish close bonds about the actions of the characters.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Romance. Saramago. Personagem. Identidade.

KEYWORDS: Romance. Saramago. Character. Identity.

Texto integral

A literatura, como uma das mais eloquentes formas de manifestação cultural de um povo, permite a transposição artística e representativa de aspectos diversos da realidade humana. O percurso literário construído nos últimos anos tem mostrado o quanto este instrumento, que encontra na verossimilhança o poder de desvelar os afetos mais intrínsecos da alma, pode influenciar na compreensão de questões sociais, políticas e ideológicas que contornam os tempos fluídos e as relações efêmeras na modernidade líquida (BAUMAN, 2001).

Nesse contexto, o escritor José Saramago se constitui figura de destaque no quesito humanidade e seus conflitos, uma vez que suas obras abordam temáticas descentralizadas atemporal e espacialmente, com o fito de universalizar experiências e retratar a Babel cósmica por meio da narrativa ficcional. Nesse sentido, o romancista português materializa em seu trabalho com a linguagem um discurso crítico e provocador que reflete a dinâmica da conjuntura social, o modelo capitalista, a degradação dos valores morais e éticos, os abusos de poder, a perversidade da natureza humana e muitas outras querelas vinculadas à ação e à construção do indivíduo social.

No romance *Ensaio sobre a cegueira* [1995], a genialidade saramaguiana delineia um cenário conturbado por um mal súbito que acomete misteriosamente toda a população de uma localidade urbana não identificada, em um momento histórico também desconhecido. A cegueira branca, clinicamente inexplicável, rapidamente se espalha, acarretando medidas emergenciais das autoridades sanitárias, na tentativa de conter a epidemia. Pouco a pouco, os cegos vão sendo recolhidos a um manicômio abandonado, onde deverão ficar em “quarentena” por um período de tempo indeterminado.

Durante o confinamento, os cegos travam uma verdadeira luta por sobrevivência, pois o governo não cumpre com suas obrigações em relação aos infectados, deixando-os à mercê da fome, da falta de higiene e da negligência médica. Com a escassez de mantimentos e o crescente aumento de pessoas ali isoladas, a situação tende a se complicar cada vez mais e logo aparecem mentes malvadas e controladoras para distribuir terror e crueldade naquele ambiente. Nisso, um grupo de cegos liderados por um chefe armado, impiedosamente, priva os demais confinados de se alimentarem, gerando desespero e indignação, marcando o início de uma série de atrocidades: furtos, estupros, mortes; enfim, violência em todos os sentidos que o termo alcança. Finalmente, o cego que comandava o grupo do mal é assassinado pela única personagem que não perde a visão – a mulher do médico –, em um ato conduzido pela força de seus instintos. Por ocasião de um incêndio no manicômio, os cegos retomam sua liberdade, no entanto, se deparam com um completo caos: uma cidade saqueada e inteiramente cega, onde novas dificuldades de subsistência continuariam persistindo. Todavia, assim como a cegueira subitamente sucedeu, ela também acaba, e logo todos, um a um, vão recuperando a visão.

Em linhas gerais, pode-se dizer que em *Ensaio sobre a cegueira* Saramago trata da formação sociocultural do homem, o modo como este é condicionado pela estrutura social que o ampara e pela ordem que lhe é imposta em um quadro eminentemente hierárquico e corrupto que perpassa todas as esferas da atividade humana. Além disso, a face egoísta e solidária do indivíduo é retratada através de um profundo exame de sua psiquê, revelando que o bem e o mal fazem parte da nossa natureza e estão dispersos no seio das relações interpessoais. Aparentemente, a cegueira luminosa e esbranquiçada torna mais visível a desumanização e a deterioração do caráter humano, o que fez Barbosa (2010) inferir que Saramago despe a humanidade de sentimentos nobres por ela ser repleta de sentimentos ruins, duvidosos, em que o bem-estar individual se sobrepõe ao bem comum.

À vista disso, um dos aspectos notadamente importantes na obra e que norteará as discussões deste trabalho diz respeito à construção e desconstrução da identidade de suas personagens, que passam a fazer dolorosas descobertas do “eu” e do “outro” em toda a trajetória do romance. Conforme propõe Maria Alzira Seixo, *Ensaio sobre a cegueira* é “um romance sobre a identidade humana, e sobre a natureza concreta do espaço que a institui.” (1999, p. 122). Nesse sentido, é importante observar como o espaço ou lugar social que o sujeito ocupa contribui com a formação da sua identidade. Conforme propõe Bauman, “A questão da identidade também está ligada ao colapso do Estado de bem-estar social e ao posterior crescimento da sensação de insegurança, com a ‘corrosão do caráter [...]’” (2005, p. 11), entendendo que essa “corrosão de caráter” definida pelo sociólogo “é apenas a manifestação mais marcante da profunda ansiedade que caracteriza o comportamento, a tomada de decisões e os projetos de vida de homens e de mulheres na sociedade ocidental” (BAUMAN, 2005, p. 11). Com esse entendimento, postulamos que no romance de Saramago a construção da identidade das personagens irrompe e vai sendo revelada como uma característica intrínseca de cada sujeito, portanto, eclode quando ativada pelo fator externo que vai regular as decisões e planejamentos pessoais destes sujeitos. Em *Ensaio sobre a cegueira*, as personagens se (des)apegam às suas identidades, que são alteradas o tempo todo, num movimento político de sobrevivência e busca da liberdade ou, em um sentido contrário mas ainda político, de opressão do ser individual sobre a coletividade.

Um outro aspecto fundamental no romance e também norteador de nossas discussões refere-se à interferência social, fator preponderante para o desenvolvimento das ações das personagens, especialmente da protagonista – a mulher do médico. No entanto, não vale julgar as personagens com a concepção determinista, segundo a qual a conjuntura social interna à obra constitua ou determina, num sentido restritivo, suas ações e comportamentos. Mesmo assim, ao atrelarmos a noção de interferência social, aqui associada à modernidade líquida e ao processo de individualização, à maldade sobreposta na obra, e relacionarmos ao pensamento de Bauman e Donskis (2014), depreendemos que a insensibilidade às aflições alheias, a incapacidade de compreender o outro e a esquiva de um olhar ético ao próximo refletem a banalidade da maldade humana na *sociedade líquida* em que vivemos, confinando a humanidade a um estado de *cegueira moral*.

Com isso, as estruturas sociais, as posições e trajetórias dos sujeitos estão inseridas no quadro de uma constante liquefação dos processos e laços sociais (BAUMAN, 2005). Destarte, a narrativa de Saramago é representativa de como uma série de acontecimentos externos interfere ou pode interferir em um sistema social, delineando uma sociedade e expondo sentimentos antes escamoteados, revelando uma desumanização e desalinho que vão abalizar o comportamento daqueles sujeitos que tentam sobreviver à sua maneira, moral ou imoralmente, expondo as vísceras de uma sociedade doente e inconstante.

DA DESUMANIZAÇÃO E DA HUMANIZAÇÃO EM MEIO AO CAOS

Em *Ensaio sobre a cegueira*, Saramago trata de temas incorporados às ações das pessoas, como, por exemplo, a instabilidade comportamental representativa de

um mundo onde a ganância e a abstinência moral imperam nas relações sociais. Destacam-se, pois, que tais relações são sedimentadas no valor econômico do sujeito, refletindo o capitalismo globalizado:

[...] Tanto o que se ganha quanto o que se dá é muito valorizado e desejado; cada fórmula de troca, portanto, não passa de um acordo temporário, produto de um compromisso jamais satisfatório para nenhum dos dois lados desse antagonismo sempre latente (BAUMAN & DONSKIS, 2014, p. 90).

Desse modo, as relações ficam tangenciadas pelo valor do sujeito no mercado, como observamos no romance *Ensaio sobre a cegueira*, em que as personagens vão sendo modeladas e remodeladas de acordo com as situações em que são expostas.

Sem terem acesso ao alimento, todos os cegos que estavam em quarentena foram obrigados, por um pequeno grupo de cegos malfeitores, a trocarem os objetos de valor por mantimentos; na falta destes objetos, as mulheres foram coagidas – por exigências do grupo de homens da facção dos cegos malfeitores – ceder sexualmente seus corpos em troca de comida. Em um primeiro momento, houve resistência por parte de alguns maridos daquelas mulheres, ou mesmo de algumas mulheres que se recusaram à ação tão abjeta. Contudo, diante da decisão da mulher do médico de ceder às exigências impostas para garantir a sobrevivência daqueles que dividiam o quarto com ela, outras mulheres também cederam a essa chantagem e deu-se início a uma exploração sexual em massa. Nessa situação, as mulheres eram agredidas e submetidas a todos os tipos de abusos, o que provocou a morte de uma das cegas.

Como a mulher do médico teve sua visão preservada durante todo o enredo, configurando-se como uma testemunha ocular desse quadro nefasto, ela decidiu, por conta própria, dar um basta nessa barbárie assassinando o chefe dos malfeitores.

A cama do chefe dos malvados continuava a ser a do fundo da camarata, onde se amontoavam as caixas de comida. [...] Devagar, a mulher do médico aproximou-se, rodeou a cama e foi colocar-se por trás dele. A cega continuava no seu trabalho. A mão levantou lentamente a tesoura, as lâminas um pouco separadas para penetrarem como dois punhais. Nesse momento, o último, o cego pareceu dar por uma presença, mas o orgasmo retirara-o do mundo das sensações comuns, privara-o de reflexos, Não chegará a gozar, pensou a mulher do médico, e fez descer violentamente o braço. A tesoura enterrou-se com toda a força na garganta do cego, girando sobre si mesma lutou contra as cartilagens e os tecidos membranosos, depois furiosamente continuou até ser detida pelas vertebra cervicais. (SARAMAGO, 1995, p. 185).

Nesse contexto, o quadro social de opressão dos cegos malfeitores sobre a coletividade fez com que a mulher do médico, que sempre foi ponderada e moralmente dignitária, agisse quase de forma animalesca, atendendo seu instinto de sobrevivência, bem como da sobrevivência do coletivo, passando de vítima

passiva e oprimida à pessoa ativa e até heroína. As condições sociais, portanto, interferiram ao ponto de fazer essa personagem se desapegar da identidade de simples vítima para se apegar à identidade de responsável pela busca de alguma liberdade, tendo em vista o bem coletivo de tal transição identitária.

Após o assassinato, movida pela lucidez da razão, o suficiente para refletir sobre os efeitos que esse ato poderia desencadear em sua consciência, a personagem chega à seguinte conclusão:

Afastou-se, deu uns quantos passos ainda firmes, depois avançou ao longo da parede do corredor, quase a desmaiar, de repente os joelhos dobraram-se, e caiu redonda. Os olhos nublaram-se-lhe, Vou cegar, pensou, mas logo compreendeu que ainda não ia ser desta vez, eram só lágrimas o que lhe cobria a visão, [...] Matei, disse em voz baixa, quis matar e matei. [...] Levantou-se a custo. Tinha sangue nas mãos e na roupa, e subitamente o corpo exausto avisou-a de que estava velha, Velha e assassina, pensou, mas sabia que se fosse necessário tornaria a matar, E quando é que é necessário matar, perguntou-se a si mesma enquanto ia andando na direção do átrio, e a si mesma respondeu, Quando já está morto o que ainda é vivo. (SARAMAGO, 1995, p. 188-189).

O trecho destacado acima permite inferir que, nesse episódio, a personagem não sente culpa e/ou remorso pelo ato que cometeu, apesar dos sinais que o texto revela sobre a repulsão que tal atitude infringiu em sua razão, pois ela foi coagida a agir dessa forma pela força da interferência social, e não porque premeditasse essa ação visando apenas o benefício próprio. É como se a partir do momento em que presenciou e sentiu na pele as atrocidades impostas pelos cegos malvados, a personagem tivesse tomado para si a responsabilidade de ser a única capaz de resolver a situação. Tanto que, ao final desse diálogo introspectivo, ela afirma ser necessário matar “Quando já está morto o que ainda é vivo” (SARAMAGO, 1995, p. 189). Em uma perspectiva sociológica,

A interface entre a busca da felicidade individual e as inelutáveis condições da vida em comum será sempre um local de conflito. Os impulsos instintivos dos seres humanos tendem a se chocar com as demandas de uma civilização inclinada a enfrentar e vencer as causas do sofrimento humano [...] (BAUMAN & DONSKIS, 2014, p. 89).

A partir do excerto que sublinha a importância da “busca da felicidade” e as “condições de vida em comum”, entre outras variáveis que guiam os sujeitos em seus espaços sociais, podemos fazer uma analogia com as personagens do romance saramaguiano, bem como vislumbrar as demandas causadoras das formulações e reformulações das identidades das personagens. A sociedade descrita em *Ensaio sobre a cegueira* tem a forma de viver ou sobreviver totalmente modificada a partir da cegueira branca de que são acometidos.

Ao se verem libertos dos limites do manicômio, a mulher do médico e um grupo de seis cegos, dentre eles o próprio médico, resolveram voltar para suas casas. Entretanto, debilitados pelos dias em que não se alimentaram, decidiram

primeiro suprir essa necessidade antes de se aventurarem pela cidade. A mulher do médico, por ser a única que conseguia ver, procurou provisões, enquanto os outros a esperavam em um local seguro. Depois de uma longa caminhada a procura de comida, a personagem entra em um supermercado completamente devastado e saqueado por outros grupos de cegos que perambulavam pelas ruas em busca de abrigo e comida.

A princípio, a personagem pensou que não encontraria os suprimentos que procurava naquele local, mas, por instinto ou mesmo por uma intuição momentânea, lembrou-se de que em todo supermercado deveria haver um espaço destinado ao armazenamento do estoque de produtos. Tendo pensado isso, ela foi procurá-lo, confirmando suas suspeitas, haja vista que ela encontrou um pavimento localizado no subsolo onde eram estocados produtos alimentícios, de higiene e limpeza, com acesso difícil até mesmo para aqueles que ainda “tinham olhos”. Contudo, novamente a Mulher do médico é colocada à prova, tendo que escolher dividir os suprimentos para todos os necessitados que rondavam o espaço, ou salvar o seu grupo. Os conflitos entre a satisfação individual e a tentativa de amenizar o sofrimento humano como um todo (BAUMAN; DONSKIS, 2014) ainda perturbam a personagem, que ao se ver “sozinha” em meio a uma sociedade completamente devastada pela cegueira branca, escolhe suprir as necessidades exigidas por seu instinto de sobrevivência e escolhe salvar seu grupo, deixando os outros cegos entregues à própria sorte, assim como os governantes da cidade fizeram movidos pelo medo que sentiam de serem contaminados pela treva branca. E em um ato quase que sobre-humano, ela teve o impulso e a consciência de pegar aquilo de que precisava e sair ao encontro do seu grupo, tendo o cuidado de fechar a porta do depósito para que outros cegos não invadissem o local, para que ela pudesse regressar a este “esconderijo” sempre que necessitasse reabastecer as provisões para o seu grupo. E foi em um desses retornos que ela e o marido se depararam com uma cena horrenda que a leva a uma crise de consciência, fazendo com que volte para dentro de si e encontre o sujeito humano que estava se perdendo em meio ao caos externo. Vejamos:

[...] Que aconteceu, tornou o médico a perguntar, que foi que viste, Estão mortos, consegui ela dizer entre soluços, Quem é que está morto, Eles, [...] Viste alguma coisa, abriste a porta, perguntou o marido, Não, só vi que havia fogos-fátuos agarrados às frinchas, [...] Hidrogênio fosforado resultante da decomposição, Imagino que sim, Que terá sucedido, Devem ter dado com a cave, precipitaram-se pela escada abaixo à procura de comida, [...] provavelmente nem conseguiram chegar aonde queriam, ou conseguiram-no e com a escada obstruída não puderam voltar, Mas tu disseste que a porta estava fechada, Fecharam-na com certeza os outros cegos, transformaram a cave num enorme sepulcro, e eu sou a culpada do que aconteceu, quando saí daqui a correr com os sacos suspeitaram de que se tratasse de comida e foram à procura, De uma certa maneira, tudo quanto comemos é roubado à boca de outros, e se lhes roubamos de mais acabamos por causar-lhes a morte, no fundo somos todos mais ou menos assassinos, Fraca consolação [...]. (SARAMAGO, 1995, p. 298).

Esse episódio evidencia que a mulher do médico se encontra em uma situação extrema, tendo em vista que ao se responsabilizar pela obtenção dos alimentos e dos produtos de que o grupo necessitava, ela teve que ser astuta e habilidosa por diversas vezes, sem a nítida intenção de prejudicar alguém. Todavia, diante do caos, mesmo que indiretamente, ela verifica que sua atitude exitosa para sobreviver custou a vida de outros, revelando sua crise de consciência e o sentimento de culpa, reiterando sua índole e preocupação em sobreviver naquela situação completamente fora de controle, o que reforça a formação da identidade sendo influenciada, mas não definida totalmente por fatores externos.

Na ocasião em que matou o chefe dos cegos malfeitores, a personagem se viu impelida a cometer um ato que, se desconsiderada toda a conjuntura social criada na narrativa, poderia ser reconhecido como algo reprovável e, ainda assim, ela não expressou sentimento de culpa, porque naquela situação era o que parecia correto. Ao contrário do que acontece no último trecho destacado, em que a personagem, em nenhum momento, esboçou qualquer ato que possa ser classificado negativamente, uma vez que “a variedade líquida moderna da adiaforização tem como modelo o padrão da relação consumidor-mercadoria, e sua eficácia baseia-se no transplante desses padrões para as relações inter-humanas” (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 16); ou seja, vive-se em uma sociedade em que a relação com o outro é medida pelos lucros e benefícios mútuos dela resultantes.

Não obstante, a atitude da personagem ao querer guardar a comida para seu grupo, dada às consequências dessa ação, pareceu-lhe eticamente reprovável, visto que, na concepção da personagem, seria como se ela tivesse sido a isca que conduziu alguns cegos a uma morte certa: “quando saí daqui a correr com os sacos suspeitaram de que se tratasse de comida e foram à procura” (SARAMAGO, 1995, p. 298).

Observamos, mediante a análise da personagem mulher do médico, que *Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago pode se configurar como uma narrativa que representa e dá voz a comportamentos e ações construídas socialmente, no sentido de que a conjuntura social influencia os comportamentos e identidades dos sujeitos. No contexto da modernidade líquida percebida na obra e na nossa realidade, as ações são motivadas pelas necessidades imediatas dos indivíduos, modeladas (as ações e as necessidades) pela conjuntura social, não sendo prudente que haja um padrão moral ou ético rígido que tente englobar todas as circunstâncias de modo intransigente, mas que se molde conforme a responsabilidade atribuída a cada indivíduo. Sobre o assunto, reitera Bauman e Donskis, em “Cegueira Moral”:

Não são apenas a política e a sobrevivência da comunidade que estão ameaçadas. Nossa capacidade de convivência face a face e a satisfação, o prazer que obtemos dela, também correm perigo, ao serem confrontados pela pressão combinada de uma visão de mundo consumista e do ideal das ‘relações puras’. (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 135)

CONSCIÊNCIA MORAL E COMPORTAMENTO: A IDENTIDADE E A NATUREZA COMPLEXA DAS PERSONAGENS

Ainda em relação à visão de certo e errado em Ensaio sobre a cegueira, é importante pensarmos que “A consciência moral, que tantos insensatos têm ofendido e muitos mais renegado, é coisa que existe e existiu sempre, não foi uma invenção dos filósofos do Quaternário, quando a alma mal passava ainda de um projecto confuso” (SARAMAGO, 1995, p. 26). Nessa perspectiva, muito embora as personagens tenham atitudes desesperadas e que fogem às convenções sociais atinentes ao que é considerado bom e ético, elas ainda assim possuem na consciência a noção do que é bem e do que é mal, como conferimos no comportamento da mulher do médico.

À vista disso, o trecho no qual a mulher do médico mata o homem chamado chefe dos malvados, sendo este um opressor dos demais cegos, ilustra a tese que assumimos. Não obstante ela não ter apresentado remorso, o que numa leitura desatenta poderia significar a ausência absoluta de uma consciência moral, a violência praticada poderia ser vista com bons olhos, uma vez que ela foi resultado da tentativa de livrar seu grupo de sérios abusos de poder. Dessa forma, a violência descrita no assassinato não constitui apenas a identidade da mulher do médico, mas de praticamente todas as personagens – o que muda são as justificativas e/ou razões para os atos violentos. Contudo, reiteramos que mesmo as ações consideradas mais brutais não estão isentas da lei da consciência moral.

Um episódio que evidencia a presença dessa capacidade de discernir bem e mal mesmo em situações nas quais o mal parece superabundar está subscrito no sentimento da personagem que roubou de um cego o carro. Primeiramente, o homem que roubou o carro apenas ofereceu-se para ajudar alguém que acabara de ficar cego, sem ter qualquer “intenção malévola”, porém apenas “sentimentos de generosidade e altruísmo” (SARAMAGO, 1995, p. 25). Entretanto, apesar dos sentimentos bons, o ladrão logo se sentiu tentado a roubar e o fez, deixando o cego que acabara de ajudar sem o carro que lhe pertencia. Mais tarde, todavia, o ladrão diz àquele a quem ele roubou “desculpe se há bocado fui malcriado consigo” (SARAMAGO, 1995, p. 58), o que demonstra culpa e consciência de que o roubo pode ser classificado como algo mau.

Em consonância com este caso de roubo e posterior remorso, lemos que “A lei natural é um sentido da consciência pelo qual ela discerne suficientemente o bem e o mal, para despir o homem de sua protetora capa de ignorância, ao mesmo tempo em que ela é censurada por seu próprio testemunho [comportamento].” (CALVINO, 2002, p. 113). Portanto, mesmo que pareça paradoxal o fato de existir uma lei moral sobre a consciência das personagens e, ao mesmo tempo, existir a violência e o mal que são materializados nos seus comportamentos, essas ideias fazem sentido pela noção da complexidade da identidade e os des(apegos) identitários aos quais se refere Bauman (2005).

A crise provocada pela cegueira causa uma crise identitária: “tão longe estamos do mundo que não tarda que comecemos a não saber quem somos” (SARAMAGO, 1995, p. 64). Tudo se torna ainda mais líquido após o surgimento da “cegueira branca”, que é a expressão utilizada pelas personagens para categorizar a cegueira pela qual elas foram acometidas. Os acontecimentos que sucedem a

cegueira no texto de Saramago revelam a instabilidade das coisas e a mutabilidade da identidade do homem e dos seus princípios éticos, o que na prática configurou-se como selvageria e desordem. O processo de liquefação é acelerado e as pessoas já não se conhecem, já não conhecem o “outro”. As relações interpessoais são afetadas e o importante passa a ser a sobrevivência do indivíduo em seus anseios individuais. Nesse sentido, a “verdade” da obra aproxima-se da nossa realidade, porque “A sociedade moderna existe em sua atividade incessante de ‘individualização’ assim como as atividades dos indivíduos consistem na reformulação e renegociação diárias da rede de entrelaçamentos chamada ‘sociedade’” (BAUMAN, 2001, p. 28). Assim, segundo defende o autor, a sociedade dá forma ao indivíduo e os indivíduos formam a sociedade a partir das suas ações.

A imbricação envolvendo o ser individual e a sociedade é vista na construção da identidade opressora das personagens. Em Ensaio sobre a cegueira, as forças do Governo, alegando buscar o “bem comum”, obrigaram a população cega a viver em situação subumana, tendo que habitar em um lugar no qual só havia cegos, não havia higiene, cerimônias fúnebres e nem mesmo comida suficiente. Essa imposição opressora do Governo, representante do sistema, construiu uma série de pessoas cegas individualizadas, capazes de praticar atos violentos e até irracionais para sobreviver. É visível que essa nova raça de indivíduos oprimidos e individualizados são produtos da sociedade excludente, porém, eles formam uma nova sociedade igualmente violenta e opressora: “Não nos deixaram trazer a comida, disse um. E os outros repetiram, Não nos deixaram, Quem, os soldados, perguntou uma voz qualquer, Não, os cegos [...]” (SARAMAGO, 1995, p. 137-138). Nesse momento da narrativa, um grupo de cegos passa a ter o domínio sobre a comida e, conseqüentemente, sobre os demais cegos, o que implica numa postura de opressão do grupo citado sobre aqueles que também foram afetados pela cegueira branca.

A identidade dos indivíduos atingidos pela cegueira, além do que já foi colocado, é marcada pelo egoísmo, sendo este intensificado, como foi com as outras características, pelo aprisionamento e exclusão social. O grupo de cegos malvados citados anteriormente, por exemplo, é uma personificação desse egoísmo. Além disso, também temos os casos de tentativa de abusos sexuais, como quando o cego que roubou o carro tenta suprir seus desejos e impulsos tocando o órgão genital da personagem chamada “rapariga dos óculos escuros” sem sua permissão. Esses episódios nos levam a conjecturar que os cegos nunca se uniram para lutar contra a opressão do Governo e sobreviver, salvo alguns momentos em que eles se juntaram e tentaram se organizar. Mesmo assim, as relações interpessoais não foram predominantemente marcadas pela união, mas por traições, abusos de poder e outros tipos de injustiças e tiranias. A violência citada no parágrafo precedente não foi o único caso de abuso sexual, pois teve um pior e mais angustiante, visto no trecho que se segue:

[...] viu como o cego da pistola puxou e rasgou a saia da rapariga dos óculos escuros, como desceu as calças e, guiando-se com os dedos, apontou o sexo ao sexo da rapariga, como empurrou e forçou, ouviu os roncões, as obscenidades, a rapariga dos óculos

escuros não dizia nada, só abriu a boca para vomitar [...].
(SARAMAGO, 1995, p. 176)

A imagem mental que produzimos a partir da leitura do trecho em destaque é deveras angustiante e assustadora. O esforço pela organização presente no início da narrativa, quando os cegos entendem que não estão sós e que a união é um bem necessário, logo é substituído pelo egoísmo e o empenho de conseguir suprir as necessidades individuais em detrimento do interesse coletivo. Nesse ínterim, quando vislumbramos sobre a modernidade líquida, questionamos:

Qual é o sentido de ‘interesses comuns’ senão permitir que cada indivíduo satisfaça seus próprios interesses? O que quer que os indivíduos façam quando se unem, e por mais benefícios que seu trabalho conjunto possa trazer, eles o perceberão como limitação à sua liberdade de buscar o que quer que lhes pareça adequado separadamente, e não ajudarão. (BAUMAN, 2001, p. 33).

Com isso, percebemos que o desejo individual supera, por vezes, o desejo de um bem coletivo. A sociedade hodierna é um reflexo da sociedade líquida, composta por pessoas de identidades igualmente líquidas. O egoísmo, a natureza opressiva, os impulsos sexuais descontrolados e outras características constituem a complexidade da identidade das personagens da obra analisada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos no romance *Ensaio sobre a cegueira* que a identidade pode ser definida ou sofrer interferência do espaço e condição social, não no sentido positivista e cru do termo, como bichos sendo moldados pelo meio, mas sim, e principalmente, quando os sujeitos são abandonados pelo Estado e são vistos obrigados a buscar seu lugar de sobrevivência. As ações das personagens são balizadas pelas convicções morais e psicológicas moldáveis de bem e mal, que as personificam e lhes conferem uma caracterização em meio à nova estrutura social na qual estão inseridas. Por isso, os comportamentos das personagens são definidores do caráter individualista e implacável das sociedades atuais, nas quais o bom senso se perde na busca por riqueza e destaque social em contraposição ao coletivo. Com efeito, a acidez das críticas encontradas no romance analisado emana uma visão de sociedade decadente, sobretudo no que diz respeito à relação do indivíduo com o meio e com o outro.

As cenas vivenciadas pela protagonista, a mulher do médico, elevam a necessidade de repensar os princípios reguladores da ordem cósmica sob mais de um ponto de vista, para assim preservar preconceitos ou julgamentos os atos humanos conduzidos pelos instintos naturais da vida. Questionar a validade de normas éticas e morais significa resgatar em si a humildade perdida, pois o conhecimento e a sabedoria são as armas mais poderosas dos sensatos. Exclusão, abusos, submissão, desamparo e privação constituem apenas uma amostra das condições que direcionam os estados conflituosos e emocionais da protagonista, criatura forte e virtuosa, destemida e valente. As ações praticadas por algumas

personagens, mesmo que persuadidas pela aflição do momento, não estão isentas dos filtros da consciência moral. Quanto à identidade, esta se apresenta camuflada em meio às estreitas relações de conveniência, reformuladas muito mais pelo caráter do que pelos aspectos de historicidade estatuídos anteriormente pela sociedade. Ao fim, a natureza opressora e a crueza dos impulsos acabam por ceifar o convívio já dificultado por muitos fatores, restando poucas expectativas de sobrevivência e cura para uma enfermidade que mais parecia acometer a alma do que o corpo.

Referências

- BARBOSA, N. de A. R. A desconstrução da identidade humana em “Ensaio sobre a Cegueira”. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 1-9, 2011.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.
- BAUMAN, Z.; DONSKIS, L. *Cegueira moral*: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- CALVINO, J. *As institutas*: edição especial para estudo e pesquisa. Tradução: Odayr Olivetti. 1. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.
- CONRADO, S. I. Valores socioculturais nos romances de José Saramago: reflexões sobre literatura e sociedade. *Baleia na rede*, São Paulo, v. 1, n. 8, p. 130-144, 2011.
- FERNANDES, P. C. *A Filosofia Moral de Immanuel Kant: A Virtude, A Ética e o Direito*. 2007. 322 f. Dissertação (Mestrado em Direito). Fundação de Ensino Eurípides Soares da Rocha, Marília, 2007.
- REAL, M. (Org.). Em demanda de um novo cânone. *O romance português contemporâneo*. 2. ed. Portugal: Editorial Caminho, 2012, p. 17-57.
- SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SEIXO, M. A. *Lugares da ficção em José Saramago*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1999.

Para citar este artigo

SOUSA, Francisco Diego; BESSA, Maria Aparecida Porto; COSTA, Jéssica Tailane da; COSTA, Maria Aparecida da. A (des) construção identitária em Ensaio sobre a cegueira. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 2, p. 224-236, maio.-ago. 2020.

Francisco Diego Sousa é graduado em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Foi voluntário do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) durante dois anos e atualmente é secretário da revista Diálogo das Letras.

Maria Aparecida Porto Bessa é graduada em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Além disso, foi voluntária do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) durante dois anos.

Jéssica Tailane da Costa é graduada em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Além disso, foi voluntária do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) durante dois anos.

Maria Aparecida da Costa é doutora e pós-doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com doutorado sanduíche na Universidade de Coimbra. Professora Adjunto IV na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e Membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras na mesma Instituição.